



Revista Portuguesa de Educação Artística,
Volume 8, N.º 1, 2018
DOI: 10.23828/rpea.v8i1.150
<http://recursosonline.org/rpea>

Liberdade e Expressão Artística nos Projetos Educacionais de Helena Antipoff e Augusto Rodrigues (1940-1960)

Freedom and Artistic Expression in the Educational
Projects of Helena Antipoff and Augusto Rodrigues

Marilene Oliveira Almeida

Universidade do Estado de Minas Gerais
Grupo de Pesquisa História da Psicologia e Contexto Sócio-Cultural
Laboratório de Estudos sobre a Docência
oliveiraalmeidamarilene@gmail.com

Raquel Martins de Assis

Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais
Grupo de Pesquisa História da Psicologia e Contexto Sócio-Cultural
rmassis.ufmg@gmail.com

RESUMO

Este artigo versa sobre o ensino de arte na Fazenda do Rosário, em Ibitité, Minas Gerais, Brasil, entre 1940 e 1960, desenvolvido por meio de ações decorrentes da rede de colaboração estabelecida entre o artista e educador pernambucano Augusto Rodrigues e a psicóloga e educadora russa, Helena Antipoff. Consideraram-se as perspectivas da historiografia sobre a sociabilidade e o contexto dos envolvidos para análise das variadas fontes originais consultadas. Os resultados demonstraram que o movimento de integração entre a arte e a educação articulado por Rodrigues e Antipoff deu-se por meio de uma rede de intelectuais, educadores e artistas envolvidos no movimento modernista de educar pela arte, em que se conjugavam conhecimentos na interface da psicologia, da livre expressão, da valorização da cultura popular e da formação integral dos educandos.

Palavras-chave: Educação pela Arte; Helena Antipoff; Augusto Rodrigues; Escola Nova; Rede de Colaboradores

ABSTRACT

This article addresses the Art Teaching developed at Fazenda do Rosário, in Ibitité, Minas Gerais, Brazil, between 1940 and 1960, through actions arising from the collaboration established between the artist and educator from Pernambuco, Augusto Rodrigues, and the Russian psychologist and educator, Helena Antipoff. It was considered the historiography perspective about sociability and the context of those involved to the analysis of the various original sources consulted. The results showed that the integration movement between Art and Education articulated by Rodrigues and Antipoff happened through a network of intellectuals, educators and artists involved in the modernist movement of educating through Art, conjugating knowledge in the interface of Psychology, free expression, popular culture appreciation, and the full education of the students.

Keywords: Education through Art; Helena Antipoff; Augusto Rodrigues; New School; Network of Intellectuals

1. Introdução

Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa documental sobre as contribuições de Augusto Rodrigues e Helena Antipoff para o ensino de arte em Minas Gerais, nas décadas de 1940 e 1950, focalizando suas ações na Fazenda do Rosário, em Ibirité. A construção do centro pedagógico da Fazenda do Rosário deu-se no início de 1940, quando, em meados da mesma década, Helena Antipoff transferiu-se para o Rio de Janeiro (1944-1949) a trabalho, sem deixar de dedicar-se ao projeto mineiro. Nessas décadas, a psicóloga e educadora russa, radicada no Brasil, estreitou seus laços com Augusto Rodrigues, artista e educador pernambucano, que fundou na capital carioca, em 1948, a Escolinha de Arte do Brasil. A parceria estabelecida entre Antipoff e Rodrigues foi fundamental para a concepção e execução do ensino de arte desenvolvido na Fazenda do Rosário, pois facilitou a formação de uma rede de colaboradores brasileiros e estrangeiros que auxiliaram a educadora russa a desenvolver um movimento de integração entre a arte e educação na instituição mineira, utilizando os aportes teóricos da Escola Ativa de Genebra¹ e as tendências artísticas e culturais do Brasil da época.

A Fazenda do Rosário, instituição de destaque

1 Caracterizada pela perspectiva educacional funcionalista do médico suíço Édouard Claparède, que postulava a aprendizagem centrada nas necessidades, no interesse e na ação das crianças, a Escola Ativa foi gestada no Instituto Jean-Jacques Rousseau, criado em 1912, em Genebra, Suíça. Acompanhava as ideias de um movimento mundial de renovação escolar e de desenvolvimento das ciências da educação, com origens nas transformações sociais decorrentes das revoluções burguesas do final do século XVIII, da expansão do industrialismo, da urbanização e dos regimes democráticos no decorrer do século XIX e início do século XX, que visavam educação para todos, com forte crítica à escola clássica e intelectualista, em que o ensino era organizado com foco na transmissão de conteúdos, por meio da palavra e da memória (Almeida, 2013).

no cenário educacional mineiro pelo caráter de experimentação de ideais da Escola Nova² ali compreendidos, pode ser considerada um laboratório de experimentos de pedagogia fundamentados pela psicologia elaborada no Instituto Jean Jacques-Rousseau, em Genebra, Suíça, e pelas concepções de renovação escolar da época (Campos, 2012). Em termos do ensino de arte, Antipoff afirmava a importância de a criança ser educada para expressar-se autonomamente, a partir do contato com a natureza e com a experiência. De acordo com a educadora russa, a integração arte e educação cumpriria fator primordial no papel formador da escola. Para tanto seria necessário proporcionar a aprendizagem livre, espontânea e ativa, levar a criança ao domínio daquilo que era relevante e essencial: o processo de conhecimento de si mesma e a possibilidade de responder às exigências da vida (Antipoff, c. 1968).

Tanto Rodrigues quanto Antipoff podem ser considerados especialistas em campos específicos – arte, educação e psicologia. Nesse sentido, contribuíram para a integração entre arte e educação na interface com a psicologia, utilizaram suas articulações com grupos de intelectuais, cientistas, educadores e artistas para o desenvolvimento de suas iniciativas na educação em geral e, mais especificamente, no ensino da arte, contribuindo para a configuração desse campo no Brasil. Eram

2 No Brasil, sob a denominação de Escola Nova, diferentes práticas e saberes pedagógicos foram expressos e se apresentaram através de métodos, estratégias e projetos de ensino e educação, sempre designando a renovação do sistema educacional em convergência com a reforma social. O movimento escolanovista no Brasil consolidou-se com a implantação das reformas escolares, empreendidas em vários Estados, durante a década de 1920. Em Minas Gerais, especificamente, a reforma, idealizada e implantada pelo Secretário do Interior, o jurista Francisco Luís da Silva Campos, durante o Governo Antônio Carlos, ficou conhecida como Reforma Francisco Campos (1927-1929), apresentando-se como uma das estratégias para se alcançar a escola renovada, de métodos modernos (Almeida, 2013).

especialistas associados a uma rede de pessoas que dispuseram suas especialidades a serviço da causa que defendiam: uma nova maneira de educar as crianças de modo a favorecer um desenvolvimento cognitivo, subjetivo e social mais livre, criativo e espontâneo, de acordo com os preceitos da Escola Nova³.

As análises das fontes consultadas demonstraram ser, Antipoff e Rodrigues, educadores capazes de mobilizar pessoas, produtoras de projetos de educação, a partir das experiências vividas naquele determinado tempo sócio-histórico. Em suas redes de sociabilidade, estabeleceram relações de pertencimento com educadores e artistas, que agregaram, especialmente no quesito ensino de arte, contribuições para as instituições em que trabalharam: Fazenda do Rosário, Escolinha de Arte do Brasil e Sociedade Pestalozzi do Brasil, estas últimas no Rio de Janeiro, e nas quais nos detemos mais adiante. Pode-se considerar Rodrigues e Antipoff personagens interessados em difundir a arte na educação em um momento em que os movimentos da Escola Nova e do Modernismo no Brasil já desestruturavam antigas concepções sobre educação, arte e o diálogo entre esses campos (Almeida, 2013).

Essa rede de sociabilidade pode ser observada nas correspondências trocadas entre a educadora

3 A concepção escolanovista de Helena Antipoff iria deslocar-se para as suas ações educacionais no Brasil e foi fundamentada ao longo de toda a sua formação como psicóloga e professora na Europa e na Rússia. Essa concepção compunha-se do que ficou conhecido como os princípios das “escolas novas no campo, ou seja, da escola nova em seu sentido original”, que foram organizados a partir da criação do *Bureau International des Écoles Nouvelles*, um centro coordenador fundado em 1899, em Genebra, responsável por sistematizar o ideário das escolas novas, desenvolvidas a partir de ensaios “apenas no grau secundário” e que, depois, “alcançaram o ensino primário”. Os princípios referentes à Organização Geral, à Formação Intelectual e à Formação Moral das “Escolas Novas” foram assentados em reunião em 1919, em Calais, onde se sistematizou vinte e nove pontos aprovados, e um trigésimo, que foi acrescido posteriormente (Lourenço Filho, 2002: 249).

e seus colaboradores e autoridades encontradas no Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff – CDPHA⁴, instituição que cuida da preservação e divulgação do acervo pessoal da educadora e de suas obras. As cartas oferecem inúmeros indícios da existência de uma movimentação de colaboradores em prol do cultivo do ensino de arte na Fazenda do Rosário. Além das correspondências, foram consultadas diversas outras fontes originais como: manuscritos e impressos de autoria da educadora sobre arte, recreação, artesanato e ensino de arte; folders de divulgação de exposições de arte; periódicos institucionais e jornais que descreviam atividades relacionadas à arte ou ao ensino de arte; programas de curso; livro de registro de alunos e professores; fotos tiradas durante apresentações; descrições de aulas e de visitas de artistas e educadores à Fazenda, entre outros.

As fontes analisadas demonstraram a centralidade da parceria profissional e da relação de amizade estabelecida entre Helena Antipoff e o artista Augusto Rodrigues para as atividades artísticas desenvolvidas na Fazenda do Rosário em Minas Gerais. De forma mais ampla, percebe-se Augusto Rodrigues como peça fundamental no movimento de ensino de arte brasileiro. Por outro lado, Helena Antipoff como integrante importante desse processo de afirmação da arte na educação, justificada pela maneira como conduziu a pedagogia da Fazenda do Rosário e pelo seu envolvimento no âmbito do Movimento Escolinhas de Arte. Assim é que partimos, pois, deste pressuposto anunciado.

4 O CDPHA foi criado em 1980, presidido por Daniel Antipoff de 1979 a 1999 e por Regina Helena de Freitas Campos a partir de 1980. Seus arquivos estão disponibilizados para consulta na Fundação Helena Antipoff/Memorial Helena Antipoff, em Ibititê, Minas Gerais e na Sala Helena Antipoff/Universidade Federal de Minas Gerais.

Este artigo tratará, então, do ensino de arte realizado na Fazenda do Rosário promovido por Antipoff em colaboração com Rodrigues. O tema aqui trabalhado contribui para conhecermos projetos no Brasil que começaram a implicar a arte em uma educação que reconhecia os sujeitos – principalmente crianças – como condutores de sua aprendizagem. O artigo também proporciona uma reflexão sobre experiências educacionais que podem ser tomadas como inovadoras, como no caso específico da Fazenda do Rosário, em que o ensino de arte lá preconizado intencionava estar conectado com movimentos culturais e artísticos da sua época.

Para efeitos de organização, portanto, a escrita deste artigo estrutura-se no seguinte formato: em primeiro lugar, trataremos de contextualizar Helena Antipoff no seu empreendimento de criação do centro educacional Fazenda do Rosário. Na mesma medida, demonstraremos como os ideais educacionais de Augusto Rodrigues, sobre a importância da arte como propulsora do desenvolvimento humano amplo e integral, dialogam com os propósitos formativos de Helena Antipoff. Em seguida, descreveremos alguns aspectos do ensino de arte realizado na Fazenda do Rosário, evidenciando a rede de colaboradores que potencializou esse ensino, colocada em movimento pela parceria entre Rodrigues e Antipoff. Por fim, seguiremos para as considerações finais.

2. Helena Antipoff – A Educadora Universal

Helena Antipoff, educadora e psicóloga russa, trabalhou no laboratório de psicologia experimental

de Alfred Binet, junto com Théodore Simon, corresponsável e coautor da “Escala Binet-Simon”. Teste de medida de inteligência criado para auxiliar na identificação e no tratamento dos problemas de aprendizagem detectados nas crianças das escolas de Paris nas primeiras décadas do século XX. Nesse laboratório, conheceu Édouard Claparède⁵, neurologista, psiquiatra e psicólogo, professor que influenciou em sua formação e com quem foi trabalhar posteriormente, em Genebra, no Instituto Jean Jacques Rousseau – IJUR, na Suíça, onde se diplomou em 1914. No Instituto, depois de retornar de um período na Rússia, Antipoff trabalhou até 1929, quando veio para o Brasil a convite do governo mineiro para colaborar na reforma educacional promovida a partir de 1927.

No Brasil, em Belo Horizonte, a educadora ficou responsável pelo Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento de Professores em Minas Gerais e por lecionar as disciplinas Psicologia Experimental e Educacional. De 1929 a 1944, Antipoff ensinou psicologia e dirigiu o Laboratório dessa Escola, onde desenvolveu inúmeras pesquisas, formou especialistas em psicologia, bem como professores e técnicos de educação escolar. Além disso, foi colaboradora assídua da *Revista do Ensino* – periódico organizado pela Secretaria do Interior de Minas Gerais, cujo objetivo era formar o corpo docente das escolas sob os parâmetros da Escola Nova. Para o periódico, redigiu relatos sobre as pesquisas realizadas pela equipe do Laboratório e artigos sobre a psicologia da criança que enfocavam, sobretudo, o desenvolvimento humano (Assis, 2014).

5 Diretor do Laboratório de Psicologia da Universidade de Genebra, a partir de 1904, foi um dos pesquisadores que lideraram, na Europa, os estudos de psicologia da criança (Campes, 2010).

Em 1939, Antipoff fundou a instituição educacional conhecida como Fazenda do Rosário, em Ibitaré, Minas Gerais, pequena cidade de zona rural próxima a Belo Horizonte. Os recursos para a construção da instituição foram levantados por membros da Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais, entidade civil, criada em 1932, em Belo Horizonte. A Fazenda do Rosário, inicialmente, dedicou-se à educação das crianças denominadas “excepcionais⁶”, os ditos até então retardados, alunos que não se adaptavam aos padrões adotados como normais nos testes de inteligência realizados para o ingresso nos grupos escolares de Belo Horizonte. Em busca de novas perspectivas, e conforme demanda da época, em fins da década de 1940, Antipoff ampliou a atuação educacional da Fazenda do Rosário. Lá, acolheu também alunos da comunidade local, abandonou a ideia de homogeneização⁷ das classes praticada na implantação dos grupos escolares de Belo Horizonte. Na Fazenda do Rosário, a educadora adotou o sistema de classes multisseriadas, sem preocupação com seleção pelos níveis apontados nos testes de inteligência, por acreditar serem estas propícias ao desenvolvimento daqueles que tivessem maiores dificuldades, fossem de ordem cognitiva ou social. Antipoff realizou ainda na Fazen-

6 O termo excepcional passou a ser usado por Helena Antipoff em substituição aos termos correntes: débeis mentais, retardados, anormais etc. Habitualmente esses termos se refeririam a “crianças e adolescentes” que se desviavam “acentuadamente para cima ou para baixo da norma de seu grupo em relação a uma ou várias características mentais, físicas ou sociais”. Tais características apontavam anormalidades e problemas com relação à “educação, desenvolvimento e ajustamento ao meio social”. Essas crianças e adolescentes foram percebidas por Antipoff como educáveis, precisava-se agir sobre os problemas detectados (Antipoff, 1963: 10).

7 Os resultados dos testes psicológicos, aplicados por ela, na década de 1930, e a faixa etária, classificavam o aluno e determinavam a classe a que deveria frequentar. Antipoff percebeu, tempos depois, essa abordagem como por demais determinista, não ajudava a promover a melhoria das condições de vida daqueles que eram intelectual, social e economicamente desfavorecidos.

da diversas iniciativas em prol da educação especial e da formação de professores e especialistas em áreas rurais (Campos, 2010, 2012).

Em fins de 1944, a educadora e psicóloga russa aceitou o convite de Gustavo Lessa para trabalhar no Ministério da Saúde, no Rio de Janeiro. Sua mudança para a capital foi motivada, entre outros fatores, pela discordância com as mudanças estruturais de ordem pedagógica na Escola de Aperfeiçoamento de Professores de Belo Horizonte. Nesse período, mesmo residindo fora de Minas Gerais, a educadora continuou dirigindo a Fazenda do Rosário e visitando-a regularmente. No Rio de Janeiro, Antipoff criou o Centro de Orientação Juvenil – COJ, ligado ao Departamento Nacional da Criança – DNC, uma das primeiras instituições destinadas a orientar responsáveis por crianças e adolescentes a ser fundada no Brasil. O COJ contava com equipe interdisciplinar no atendimento clínico e orientação psicológica aos “adolescentes e jovens com problemas psicológicos e psicossociais” em que participavam “profissionais da área da psicologia, serviço social, psiquiatria e medicina” (Campos, 2010: 209-210). Nesse período, o contato com os familiares dos atendidos no COJ, onde foram identificados vários excepcionais, levou Antipoff a promover, também no Rio de Janeiro, a criação da Sociedade Pestalozzi do Brasil – SPB. A instituição foi fundada em 1945, uma sociedade civil com finalidades e estrutura similares ao que era desenvolvido na Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais.



Figura 1—O desenho e a pintura integravam a gama de estímulos artísticos adotados pela Sociedade Pestalozzi do Brasil⁸.

A Pestalozzi do Brasil prestava “serviços psico-médico-pedagógicos e sociais”, que envolviam “trabalhos pedagógicos com crianças e adolescentes” especialmente na modalidade “classes especiais” para excepcionais. Esses trabalhos envolviam as “oficinas pedagógicas para jovens e adolescentes”, onde se desenvolvia a “grupo-terapia como recurso de ajustamento” (Boletim Sociedade Pestalozzi do Brasil, 1950:1-2). Augusto Rodrigues é citado como um dos professores dessa instituição, sendo provavelmente esse o momento em que a educadora fortaleceu seus laços profissionais e também de amizade com o artista, como veremos a seguir.

3. Augusto Rodrigues e Seus Ideais de Liberdade e Expressão por Meio da Arte

Augusto Rodrigues, artista plástico pernambucano, mudou-se para o Rio de Janeiro em 1935. A capital ofereceu ao artista oportunidades de

desenvolver e divulgar seu trabalho artístico como colaborador de jornais cariocas e como artista e educador. Esteve intensamente envolvido no processo de valorização da atividade artística infantil, e de criação de escolas especializadas em ensino de arte para crianças e adolescentes, promovida por um grupo considerável de artistas e educadores ligados ao movimento artístico modernista brasileiro.

Augusto Rodrigues relatava ter sido uma criança que pouco se adaptou à instituição escolar de sua época, a experiência da primeira escola, em Recife, deixou-lhe marcas que motivaram seu projeto de contribuir para que a educação das crianças fosse orientada de forma livre e sem repressões (Revista Visão, 1961). As críticas aos rigores vividos em experiências escolares por Rodrigues encontraram ressonância nos movimentos de renovação educacional da época e nos novos ideais modernistas que circulavam no campo artístico no país. O artista dedicou-se ao desenho e preocupou-se com a educação, considerando o “professor, médico e psiquiatra Ulisses Pernambucano⁹” como a pessoa que mais influenciou sua escolha profissional (INEP, 1980: 14).

De fato, Ulisses Pernambucano incentivou Rodrigues a tornar a arte parte de suas atividades profissionais e dela sobreviver. Seu trabalho foi divulgado em exposições no Brasil e no exterior. Ainda criança, ao peregrinar pelas escolas e pela

8 Aluna da Sociedade Pestalozzi do Brasil, foto editada da Revista *Memória da Assistência Social* 3 – Sociedade Pestalozzi do Brasil/RJ (1978), p. 14. Ministério da Previdência Social – MPAS, Fundação Brasileira de Assistência: Rio de Janeiro.

9 Ulisses Pernambucano foi professor de Fisiologia Nervosa na Faculdade de Medicina de Pernambuco e empreendeu estudos e pesquisas de Psicologia Social. Fundou a Escola Neurológica e Psiquiátrica de Recife e, segundo Waldemar Valente, “fez da Tamarineira, com seus calabouços e camisas de força, [...] moderno hospital para o tratamento dos doentes mentais”. Formou toda uma geração de psiquiatras e influenciou um número muito grande de educadores. Ele percebeu, numa época em que quase nada havia sobre o assunto, a importância da atividade artística no processo de recuperação de doentes mentais (INEP, 1980: 22).

cidade do Recife, à procura de um ensino menos repressor, com atividades mais interessantes, Rodrigues aprendeu o que consideraria, mais tarde, a “maior lição de sua vida: a *liberdade*”, proporcionada a ele pela arte, ao lado do jornalismo (INEP, 1980: 14).

Rodrigues integrou o movimento renovador da educação no Brasil, contribuiu para reconfigurar a arte na educação, como artista, reagiu ao totalitarismo do Estado Novo (1937-1945): assinou o *Manifesto dos Educadores – Mais uma Vez Convocados*, em 1959, em reafirmação dos ideais educacionais do *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*¹⁰, documento assinado por intelectuais em favor da renovação pedagógica, em 1932. De acordo com Barbosa (2008: 5), a partir de 1947, houve “uma espécie de neo-expressionismo que dominou a Europa e os Estados Unidos do pós-guerra e se revelou com muita pujança no Brasil que acabava de sair do sufoco ditatorial”. Nesse contexto, artistas e intelectuais criaram vários ateliês de arte para crianças em muitas cidades, que, mais tarde, iriam influenciar as escolas regulares. O objetivo central era a manifestação livre da expressão infantil, sem a interferência repressiva do adulto. Importantes nomes da arte brasileira tiveram contribuições relevantes para o início do processo de ensino de arte para crianças e adolescentes, dentre eles podemos citar: Anita Malfatti, Mário de Andrade, Cecília Meireles, Theodoro Braga e, como veremos, Augusto Rodrigues (Barbosa, 2002; 2003; 2008; 2015).

10 O manifesto dos Pioneiros da Educação Nova foi um documento redigido por Fernando de Azevedo (1894-1974) em 1932, e assinado por vários outros intelectuais, e que se tornou o marco inaugural do projeto de renovação educacional no Brasil. O documento consolidava a visão de um segmento social, ainda que com diferentes posições ideológicas, que vislumbrava a possibilidade de se interferir na organização da sociedade brasileira do ponto de vista da educação.

3.1. A Criação da Escolinha de Arte do Brasil

Augusto Rodrigues fundou a Escolinha de Arte do Brasil – EAB, em 1948, com a ajuda de colaboradores. A instituição começou a funcionar nas dependências da Biblioteca Castro Alves, pertencente ao Instituto de Previdência e Assistência Social dos Servidores de Estado – IPASE/Rio de Janeiro. A EAB voltava-se inicialmente para o público infantil com foco nas distintas expressões artísticas: dança, pintura, teatro, desenho, poesia etc., recebeu forte apoio de artistas e educadores. A Escolinha teve enorme influência multiplicadora. A partir dela surgiram trinta e duas Escolinhas no país, projeto que levou adiante o objetivo de convencer as escolas regulares de que a criança tem necessidade de se expressar livremente em arte. Seus instrumentos seriam pincel, argila, lápis, tinta, dentre outros materiais expressivos à criança disponibilizados (Barbosa, 2003; 2008).



Figura 2 – “Dona Helena Antipoff: Um sorriso para o pintor Augusto Rodrigues, amigo que sonha os mesmos sonhos”¹¹.

11 Legenda que acompanha a imagem publicada no Jornal *Estado de Minas*, *Questão de Amor, Caderno Feminino* (1972). Belo Horizonte, domingo, 26 de março, p. 4. Acervo do Memorial Helena Antipoff/CDPHA, onde encontra-se também a fotografia original).

Antipoff colaborou para o desenvolvimento e condução da história da Escolinha de Arte do Brasil, contribuindo firmemente para a integração entre arte e educação especial (INEP, 1980). Ao lado de Anísio Teixeira e outros educadores, contribuiu para a divulgação dos preceitos da Escola Nova no Brasil, de influência americana e europeia.

A parceria entre Rodrigues e Antipoff, e a participação da educadora na história da fundação e difusão das EAB, confirma-se no depoimento de Zoé Noronha de Chagas Freitas, colaboradora de Rodrigues e de Antipoff:

Foi ela que, na década de 40, (por volta de 1945), chamou Augusto Rodrigues para um trabalho conjunto. D. Helena, que já nesta época comparava nossas escolas com os quartéis e hospitais, percebeu o alcance da proposta de Augusto e empenhou-se para que ele desenvolvesse suas idéias. D. Helena acreditava que a arte, como expressão livre e criadora, era o meio de educação por excelência, e que o artista tinha um papel fundamental na educação – maior que o dos pedagogos e psicólogos. Augusto veio a ser professor das crianças e adultos na Pestalozzi de D. Helena; foi lá em 1946, que o conheci (INEP, 1980: 19-20).

A educadora russa acreditava no ensino da arte como um caminho possível para o aprendizado dos excepcionais, influenciou Rodrigues a incluir crianças especiais em seu projeto de educar pela arte. “A vasta experiência dessa educadora como assistente do psicólogo e pedagogo suíço Édouard Claparède contagiou o artista na compreensão da atividade educativa como aquela que correspondia a uma função vital do homem”. Para ela, as aptidões individuais necessitavam ser desenvolvidas tendo, em vista a democracia, o interesse comum, a vida em sociedade: “nenhuma sociedade progrediria com pessoas de um único tipo, mas sim pela diferen-

ciação [...]” (Sardelich, 2002:4).

Por esse viés, a Escolinha de Arte do Brasil trouxe um espaço para as crianças que a escola regular, geralmente, não oferecia. Começou a funcionar com poucos alunos, desenvolvendo pintura e modelagem, aos quais iam sendo incorporadas novas atividades, na medida das necessidades reveladas pelas crianças.



Figura 3 – “Tirando o bigode e o tamanho, Augusto Rodrigues é igual aos seus alunos”¹².

Em entrevista publicada na Revista Visão (1961:24), Rodrigues afirmou que:

Foram as crianças que primeiro compreenderam a Escolinha [...] Ela correspondia à necessidade vital de expressão que traziam recalçada. A Escolinha de Arte visa sobretudo tornar o homem mais sensível ao problema da arte, e isso o torna mais integrado na vida. Encaramos a arte como um meio natural, espontâneo, de cultura. Essa espontaneidade é a da criança, que dá dimensões criadoras a cada gesto, a cada ato de sua vida autodeterminando-se pelo que cria.

Para ele, “toda criança tem necessidade de se expressar livremente”, e por isso mesmo, o artista

¹² Legenda que acompanha a imagem publicada no artigo sobre Augusto Rodrigues, *Revista Visão* (1961), 23 de junho de, p. 24. Acervo do Memorial Helena Antipoff/CDPHA.

e educador entendia que a grande recompensa do professor era fazer com que ela participasse da “alegria criadora, através de um clima de compreensão e confiança”. Acreditava na arte como facilitadora do “exercício da disciplina interior [...] fator de integração e de desenvolvimento harmonioso da personalidade”. Entendia que: “A arte, através de seus símbolos, dá curso ao ajustamento da vida emocional” criando “condições propícias à aprendizagem formal da escola” (Rodrigues, 1971: 2).

O texto de apresentação da exposição de desenhos de Augusto Rodrigues, ocorrida em 1964, em Belo Horizonte, foi escrito por Antipoff. Apresenta-nos um educador inovador em seus métodos de ensino, ao identificar e sugerir materiais variados para a prática artística com crianças, bem como na condução da formação dos professores, envolvendo-os na experiência de vivenciar o ato criador. Rodrigues propunha a criação artística como diálogo não verbal com as crianças, afirmava ser a comunicação expressiva da arte imaginação traduzida em imagens. Aproximando-se dos seus alunos, alinhava, em um processo de acompanhamento da espontaneidade das crianças, seu olhar investigativo da naturalidade infantil de criar sem censura.

4. Augusto Rodrigues e Helena Antipoff – Ideais de Renovação Educacional

Na década de 1940, Antipoff e Rodrigues estavam envolvidos em diversas iniciativas educacionais e partilhavam atividades profissionais desenvolvidas nas Sociedades Pestalozzi, no Rio de Janeiro e em Minas Gerais. Suas convicções sobre educação

concordavam em inúmeros aspectos, o que pode ter favorecido o surgimento da amizade e de uma parceria profissional bastante colaborativa entre os dois intelectuais. Documentos consultados dão-nos indicações de que Antipoff frequentava círculos sociais ligados a manifestações artísticas.

Em entrevista ao jornal *O Globo*, de 27 de março de 1984, Rodrigues afirmou ter conhecido Helena Antipoff quando ela foi visitá-lo na Escolinha de Arte. Entretanto, na mesma entrevista, Zoé Noronha de Chagas Freitas afirmou ter sido na Sociedade Pestalozzi do Brasil que os amigos se conheceram. Sem chegarem a um acordo, na reportagem Rodrigues destacou a visão ampliada de Antipoff para os problemas da educação e encerrou o assunto com as seguintes palavras:

O importante é que minha relação com ela se deu através da sua forma de ser marcante, da visão abrangente que tinha dos problemas educacionais, do profundo senso humanístico que fazia emanar da educação. Seu objetivo era tão amplo que costumava dizer que o ideal era sermos “professores de nada” (Rodrigues *apud* Andrade, 1984: 29).

Assim como Helena Antipoff, Augusto Rodrigues fundamentava-se no princípio escolanovista que considerava o interesse da criança como o centro da ação pedagógica. À afirmação ‘sermos “professores de nada”’ podemos inferir que Rodrigues referia-se a que o professor se atentasse menos aos programas e conteúdos escolares formalmente preparados e mais às necessidades das crianças. Rodrigues, Antipoff, e muitos outros intelectuais da época, como Lourenço Filho, autor do livro *Introdução ao Estudo da Escola Nova: Bases, sistemas e diretrizes da pedagogia contemporânea* (1930), percebiam a escola tradicional como re-

pressora, justamente porque pouco considerava o interesse e a criatividade infantis, tratando o aluno como um receptáculo de conteúdos e normas formuladas a despeito da criança. Um dos temas mais debatidos pela psicologia voltada para a educação era o cuidado de não tratar a criança como um adulto em miniatura, levando em consideração as particularidades de sua estrutura física e psíquica para a elaboração de métodos de ensino (Assis, Antunes, 2014). Daí o cuidado com os interesses infantis, vistos como motor da inteligência e atividade humanas. Também na *Revista do Ensino* podemos encontrar a ideia de que a atividade e a criatividade da criança deveriam ser valorizadas em detrimento de um ensino coercitivo, formador de pessoas passivas, conforme trecho a seguir: “É erro, e erro grave, o querer coercitivamente, reprimir a inquietude das crianças em classe. Essa agitação, a que dão o nome de indisciplina, é o meio de que a natureza se vale para livrar os escolares de um obstáculo ao seu desenvolvimento físico e mental: a passividade” (Almeida, 1930: 48).

Os educadores, profissionais da psicologia, artistas, e tanto outros intelectuais envolvidos com os ideais educacionais libertadores, denunciavam as condições da educação de sua época, vista como conservadora e autoritária. Estes privilegiavam como alternativa para a passividade o caráter expressivo e criativo da arte infantil, já apontados por modernistas como Anita Malfatti e Mário de Andrade (Sardelich, 2002; Coutinho, 2008). Especificamente os artistas, principalmente aqueles ligados às concepções modernistas de arte, contribuíram com esse movimento ao incentivarem a educação pela arte e divulgarem os ideais de se ensinar as novas gerações por métodos mais livres,

capazes de estimular a criança a expressar-se abertamente por meio do contato com diferentes técnicas e recursos artísticos.

Os ideais, e a luta pela construção de uma educação libertadora, aproximaram Antipoff e Rodrigues, o constante diálogo sobre a importância da arte na educação e parceria entre os educadores possibilitaram um intenso movimento de artistas e educadores a oferecerem cursos aos alunos e professores da Fazenda do Rosário. A pretensão de Antipoff era desenvolver um ensino baseado nas premissas do respeito às necessidades da criança e da atenção aos seus interesses, em consonância com os pressupostos da educação funcionalista de Édouard Claparède e da Escola Ativa de Genebra. Afinava-se às concepções de Augusto Rodrigues sobre o direito da criança de realizar plenamente seu potencial criativo. Em carta ao amigo e artista, a educadora russa lembrou o contexto e as afinidades que os aproximaram:

Conhecemo-nos já de longa data. Vizinhos próximos, na rua do México, no Departamento Nacional da Criança, do qual o Centro de Orientação Juvenil atendia seus jovens clientes, percebemos logo as sadias pulsações de um organismo novo a reclamar os direitos de cidadania e espaço para se realizar, se criar. A criatividade – antes de mais nada – é fazer, firmar-se, revelar-se, plenamente. Na educação, a criatividade é tudo isso (Antipoff, 1968: s/p).

A correspondência demonstra o ponto comum no qual os educadores concordavam: vista como caminho para o desenvolvimento pleno da criança e como possibilidade de se suplantar a educação livresca e tradicional existente nas escolas, a criatividade deveria ser o eixo central da educação.

5. O Ensino de Arte na Fazenda do Rosário e a colaboração de Augusto Rodrigues

A Fazenda do Rosário, instalada em Ibitaré em 1939, objetivava ampliar perspectivas e oportunidades educativas para crianças excepcionais e normais. A pedagogia desenvolvida pelos educadores rosarianos, fundamentada nos princípios da psicologia ativa¹³, propunha estimular o desenvolvimento das habilidades dos alunos para o trabalho manual, em interação com o trabalho intelectual, e despertar-lhes para o exercício da criatividade, propondo-lhes novos caminhos para a autonomia na vida adulta. Tal proposta corroborava a concepção de educação cooperativa e democrática já antes praticada no Instituto Pestalozzi de Belo Horizonte, instituição educacional criada com o apoio do governo estadual mineiro em 1935, onde funcionaram “oficinas de sapataria, carpintaria, encadernação e outros trabalhos artesanais, e uma horta” (Campos, 2010: 188). Essas atividades manuais, adotadas e ampliadas na Fazenda, carregavam a concepção de educação pelos sentidos e um senso de educação estética¹⁴, muitas vezes

13 Recomendava o *Bureau International des Écoles Nouvelles* que a escola nova deveria ser um internato, localizado em área rural, permitindo a imersão dos alunos no meio em que se instauraria, sem, contudo deixar de priorizar o contato com a família. O internato realizou-se no início da experiência rosariana, quando os primeiros alunos “excepcionais”, vindos de Belo Horizonte, eram internos na Fazenda do Rosário. Posteriormente, a Fazenda do Rosário ampliou o seu domínio, se abrindo ao regime de semi-internato, em atendimento à comunidade do entorno, sem necessariamente priorizar a educação especial. Houve também a experiência dos cursos de formação de professores rurais, em que os alunos, em sua maioria professoras, eram internos (Almeida, 2013).

14 A educação estética participou do movimento reformador das primeiras décadas do século XX no Brasil, sob premissas de diferentes vertentes da modernização educacional (Taborda de Oliveira, 2012; 2013). Uma delas, a perspectiva que envolveu a educação pelos sentidos, explorada em processos de formação pessoal e coletivos, por meio de

pouco explorada pela escola tradicional.

Em conformidade com as diretrizes da Escola Nova¹⁵, Antipoff preconizava uma educação pela vida, entendida como uma educação que deveria partilhar variadas atividades e estimular a curiosidade. Essa perspectiva, amplamente difundida na Fazenda do Rosário, pode ser percebida nas seguintes palavras da educadora russa: “Devemos dar à criança oportunidade de contato com a natureza e a realidade, pondo à sua disposição terra, argila, madeira e água; com alguma ferramenta suas mãos saberão criar aquilo que o coração deseja e o cérebro inventa” (Antipoff, 1992b: 405). De acordo com suas perspectivas educacionais, defendia a ideia de que a escola deveria desenvolver “métodos mais ativos, mais socializados e produtivos de ensino”, por isso, difundiu a concepção de que a “boa escola leva o aluno a trabalhar com as mãos, a sentir, a exprimir os desejos e a revelar aptidões” (Antipoff, 1992d: 157).

A recreação integrava, assim, o currículo dos alunos da Fazenda do Rosário, atendia a um amplo e variado conjunto de atividades como arte, artesanato e trabalhos manuais. Abrangia desde o bordado, a tecelagem, os trabalhos com fibras naturais, como cestarias, até os jogos, o teatro, a ginástica, o desenho, a pintura, a modelagem, a cerâmica, os jogos ao ar livre, as danças folclóricas, atividades perceptivas e expressivas, ancorada em saberes artísticos e científicos, bem como no contato com a natureza e valorização do trabalho manual, esteve presente no programa de ensino de arte desenvolvido na Fazenda do Rosário.

15 Um dos princípios do Bureau, presente no Rosário, seriam a ginástica corporal, os jogos esportivos e atividades consideradas recreativas, como o teatro, a música e a dança, além das excursões com cunho pedagógico. Essas atividades envolviam as experiências de investigação prática e de pesquisa de campo. Compunham o que se cumpria como o que recomendava o ponto 14, organizado em *Calais*: baseadas “na atividade pessoal da criança. [...] supõe a mais estreita associação possível do estudo intelectual com o desenho e os trabalhos manuais mais diversos” (Lourenço Filho, 2002: 251, apud Almeida, 2013).

cas, a música e o coro falado. Concebida como o campo aberto para as experiências espontâneas da criança, para o exercício da criatividade, na concepção de Antipoff, no espectro da designação “recreação” poderiam ser incluídas “[...] atividades de mais profundo sentido creativo – quais sejam, “Atividades de Arte, Ciência, Trabalho e Vida” (Antipoff, 1968: s/p).

Dentre as atividades recreativas valorizadas na Fazenda, grande destaque era dado ao teatro nas modalidades: Teatro ao ar livre, teatro de bonecos, de fantoches e de marionetes, teatro de sombras e de máscaras. Percebida por Antipoff como promissora atividade criativa, pelo teatro seria possível se estimular a capacidade interpretativa, incentivar o trabalho manual e artesanal em fazeres técnicos, como os cenários, a elaboração e a confecção do palco, dos figurinos e das máscaras.



Figura 4 – Alunos participantes da peça teatral O Coelho Negro e a Coelha Branca com o professor francês Jean Bercy¹⁶, Fazenda do Rosário, 1954.

16 O artista e professor francês Jean Bercy atuou na Fazenda do Rosário entre os anos de 1953 a 1956, foi contratado pela Campanha Nacional de Educação Rural – C.N.E.R. para coordenar o Programa de Educação Artística da Fazenda do Rosário. As fotografias foram retiradas durante a realização da Festa do Milho, que envolvia toda a comunidade local de Ibirité, e a inauguração do prédio Centro de Artesanato, onde funcionavam as atividades manuais, nomeadas na época de recreação.

Para Helena Antipoff:

Um Teatrinho de Bonecos – esplêndido assunto para um projeto – além de tudo que a confecção do palco, dos cenários, dos personagens, da indumentária, da cortina, dos apetrechos, dos efeitos cênicos etc., leva o aluno à dramatização da invenção ou adaptação da peça por eles mesmos escolhidos, a uma variedade infinita de atividades e de funções, pondo em plena ação a infinidade de aptidões individuais, a imaginação, a memória, a arte musical, dramática, pintura, modelagem, costura, decoração, invenção de ordem mecânica, pirotécnica, habilidades mil que surgem no grupo dos adolescentes brasileiros com um brilho prodigioso e surpresas agradáveis por descobrir verdadeiros talentos (Antipoff, 1992b: 331).

Em suas palavras, podemos perceber a valorização de um projeto de teatro como potencializador do desenvolvimento das aptidões individuais e das funções intelectuais como a imaginação e a memória. O ensino de arte representava para Antipoff o espaço para a escola deixar emergir os interesses e talentos dos alunos, muitas vezes pouco explorados pelas outras disciplinas escolares.



Figura 5 – Aula professor Jean Bercy (indicado por seta) sobre Fantoches, 3.º Seminário de Educação Rural, ISER, Fazenda do Rosário, c. 1955.

A amizade e respeito profissional mútuos, estabelecidos entre Rodrigues e Antipoff, foram expressos em data comemorativa aos vinte anos da

criação da Escolinha de Arte do Brasil. Em documento, a educadora registrou “gratidão por tudo que Augusto Rodrigues, com seu grupo de devotos colaboradores fez [...], no Leme¹⁷, como fora e, especialmente, a generosidade com que ele se deu na Fazenda do Rosário, nos cursos diversos, de professores de todas as categorias... desde 1948 [...]” (Antipoff, 1968: s/p).

Diversas fontes apontam a colaboração de Rodrigues nos projetos de educação em arte no Rosário. Correspondências trocadas entre o artista e Sandoval Soares de Azevedo, presidente da Pestalozzi em Minas Gerais, atestam como se deu a busca por um ceramista para trabalhar com oficinas de cerâmica foi intermediada por Rodrigues. Em 1947, Rodrigues havia conhecido e divulgado o trabalho do ceramista pernambucano Mestre Vitalino, indicou o nome de Jether Peixoto, ex-aluno do artista popular nordestino, para trabalhar na Fazenda.

Com essas iniciativas, Rodrigues expressava sua inserção em um movimento nacional mais amplo de valorização da cultura popular brasileira e do artesanato como uma genuína expressão artística. Estes registros nos mostram que Rodrigues, envolvido em um meio de reconhecidos artistas, foi quem auxiliou Antipoff em sua iniciativa de promover os ensinamentos do ofício da cerâmica, e de muitos outros fazeres artísticos, às crianças e professores rurais no Rosário, desde 1948. Na instituição mineira, a criatividade foi exercitada com os recursos naturais da própria região: “Nas mãos das crianças da Fazenda do Rosário, orientadas pelo mestre ceramista, a excelente argila local

se transformava milagrosamente num mundo de bonecos, de cenas de cada dia observadas à beira das estradas, nos casebres, nos festejos folclóricos, nos trabalhos do campo, nos botequins...”

Além da cerâmica, uma especialista húngara propiciou que as meninas aprendessem a arte da tecelagem de tapetes Esmirna e outros. As cerâmicas do Rosário, peças utilitárias para uso doméstico e os bonecos “[...] tiveram a chance de figurar na Exposição Internacional de Bruxelas, no pavilhão Brasil, no Setor Educacional”. Como representantes da arte popular, compuseram ainda exposições “[...] na Fazenda do Rosário, na bela exposição de Belo Horizonte, no Edifício Dantés, no Ministério da Educação, nas exposições de Arte Infantil, organizadas pelo pintor Augusto Rodrigues” no Rio de Janeiro (Silva, 1984: 30-31).



Figura 6 – Criança em atividade na oficina de cerâmica, Fazenda do Rosário¹⁸.

Longe de apenas ensinar a manejar a argila e produzir cerâmica, ou tecer fios e transformá-los em tapetes, essas oficinas imprimiam certo modo

¹⁷ Leme era onde estava estabelecida a sede da Sociedade Pestalozzi do Brasil, no Rio de Janeiro.

¹⁸ As fotografias retratam as atividades desenvolvidas na oficina de cerâmica na Fazenda do Rosário, coordenada pelo professor Jether Peixoto, ceramista discípulo de Mestre Vitalino, ambos pernambucanos. Acervo do Memorial Helena Antipoff/CDPHA.

de fazer e ensinar arte que se distanciava dos modelos tradicionais. Em correspondência de 1950, Rodrigues dialogava com Antipoff sobre as Escolas de Arte do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul, discutindo detalhes para a construção do catálogo da primeira exposição de bonecos de cerâmica realizada em setembro de 1950 nas dependências da Biblioteca Castro Alves. Este e outros documentos demonstram que as produções dos pequenos artesãos do Rosário foram expostas ao público seguindo preceitos semelhantes aos da organização e exposição dos artistas renomados. Indicam também a rede de relacionamentos colocada em movimento por Augusto Rodrigues e Helena Antipoff, como, por exemplo, as interações com Abgar Renault e Joaquim Cardozo, ambos importantes intelectuais fortemente inseridos nos movimentos artísticos e educacionais da época.

As parcerias entre a Fazenda e as instituições sediadas no Rio de Janeiro, Pestalozzi e Escolinha de Arte do Brasil, ficam evidentes em outra correspondência datada de 1950. Nela, Rodrigues comunica sua ida à Fazenda para cursos de formação de professores na instituição mineira. Recorremos à transcrição do longo trecho da carta na íntegra na intenção de contextualizar as questões discutidas pelos intelectuais, não só em termos de conceitos de psicologia e educação, mas de técnicas em arte:

Creio que devem ter sido feitos depois de nossa saída muitos desenhos do natural, pois no último dia já havia um grande interesse pela documentação de aspectos da Fazenda, o que nos deu, a mim e ao Barros [Geraldo de Barros] assunto para pensar. Nos ocorreu que: 1º, as moças desenharam, com lápis (processo comum aprendido nas escolas) revelando, timidez, falta de segurança, auto crítica exagerada. Nesses desenhos elas procuravam

padrões (objetivos) que pudessem corresponder a natureza. 2º, o desenho meio cego (aquele com tinta de impressão ou a carbono) e o recorte com papel, os bonecos com crepon, provocaram um estímulo a uma expressão mais pessoal, uma atitude afirmativa, a redescoberta de um senso decorativo perdido em virtude de não desenvolvimento desse sentido na escola. 3º, com a diversidade de técnicas, confiança dos professores, padrões mais amplos de julgamento em função da própria aula de criação, elas voltaram (ou sentiram necessidade de volta) à natureza, para com menos inibição umas, e outras completamente sem inibições, encontrar, agora livres e mais otimistas, formas objetivas. Dêsse conhecimento das formas objetivas, dessa integração com a natureza, um enriquecimento de conhecimento que facilitará a expressão artística e o desenvolvimento da imaginação. Essas especulações, ainda são superficiais, e dependem de uma opinião sua a respeito. Gostaria que a Sra. verificasse essas nossas observações, pois a esta hora a Sra. já deve ter visto os desenhos objetivos das alunas, e poderá julgar melhor, pois o fato da necessidade da volta à natureza, depois daquela experiência com inteira liberdade, nos deixaram muito curiosos a respeito. [...] (Rodrigues, 1950: s/p).

O trecho da carta revela a potencialidade de um fértil diálogo entre os educadores sobre aspectos pedagógicos dos cursos destinados aos professores rurais em formação no Rosário. Demonstra a confiança de Rodrigues em dividir com Antipoff concepções sobre ensino de arte, e discutir sobre a expressão das alunas da Fazenda, em sua grande maioria mulheres, solicitando a opinião da educadora. Registra observações sobre a timidez das alunas rurais diante do desenho, a pouca coragem para a liberdade de expressão, atitude que o artista atribui à educação recebida nas escolas tradicionais. Ao avaliar as atividades de desenho desenvolvidas com as professoras, na Fazenda, e ao detalhar os procedimentos usados, Rodrigues enfatiza o objetivo de despertar a autoexpressão e o senso crítico perdidos ao longo do processo

de escolarização.

Nesse sentido, reafirma-se, pelos dados analisados a intensa rede de colaboradores articulada pela educadora russa em parceria com o artista pernambucano. Proviam o intercâmbio de artistas para atuarem na Fazenda do Rosário, da mesma forma, a ida de professores e alunos para estagiar com Augusto Rodrigues no Rio de Janeiro, possibilitando-lhes contato com um movimento mais amplo de arte. A amizade com Rodrigues proporcionava à Antipoff a oportunidade de somar outras parcerias importantes do cenário nacional para suas intenções de educar pela arte, como, por exemplo, o contato com o folclorista Câmara Cascudo, um dos mais importantes e reconhecidos estudiosos de manifestações da cultura popular brasileira, ou com Tenreiro, artista engajado na divulgação e venda das cerâmicas dos meninos do Rosário. As muitas correspondências trocadas com Rodrigues demonstraram a intenção de levar artistas e educadores à Fazenda para ministrar palestras ou cursos na área de arte. Rodrigues deixa claro em suas cartas o seu interesse e de outros artistas por conhecer e colaborar com os propósitos educacionais que envolviam a arte e a educação no Rosário, o que demonstra que a instituição criada pela educadora, bem como o ensino experimental que lá se realizava, foram conhecidos pelos intelectuais e artistas envolvidos no movimento de educar pela arte.

6. Considerações Finais

Neste artigo, discutimos aspectos da educação em arte em Minas Gerais, a partir da reforma educacional mineira iniciada em 1927. No Brasil do

início da década de 1920, em conformidade com cenário mundial de mudanças na educação, ganham destaque discursos pedagógicos que enfocavam a formação integral do indivíduo, que levasse em consideração outros aspectos além da formação intelectual. A educação do povo era o centro dos debates das políticas republicanas brasileiras, objetivando prover uma nova concepção de cidadão e de reestruturação de novos hábitos, valores e atitudes. A população passou a ser objeto da ciência, por meio das práticas dos médicos que, através dos discursos higienistas – e às vezes eugênicos – balizavam também as práticas pedagógicas. A escola seria o *locus* reestruturador desses hábitos e valores, e a criança, o centro dos interesses dos estudos que aliavam biologia e psicologia, produzindo-se inúmeras pesquisas.

Baseando-se em pesquisas que pudessem apontar os rumos para que nosso país alcançasse a modernidade, alguns intelectuais voltaram-se para repensar a educação, a psicologia, a arte e as relações entre esses campos. Entremeando-se com o movimento político corrente, uma das importantes reflexões dos intelectuais sobre nossa cultura estendia-se em preocupações sobre o lugar da educação naquele momento. A partir das repercussões da Semana de Arte Moderna, em 1922, em São Paulo, artistas e intelectuais engajaram-se na expansão do sistema de ensino. Nesse cenário de afirmação e legitimação de nossa identidade cultural, a criação de escolas especializadas de arte para o público infantil e adolescente, iria, mais tarde, influenciar a educação regular brasileira. A ênfase às iniciativas e valorização da expressão artística da criança, do desenho livre, do uso diversificado de materiais, sem se estabelecer o certo

ou o errado, propiciou na educação a interlocução das ideias escolanovistas e modernistas da arte.

O artista e escritor participante da Semana de Arte Moderna, Mário de Andrade, um dos grandes representantes do movimento modernista brasileiro, já delineava pesquisas, entre 1920 e 1927, sobre o desenho infantil. Buscava-se com essas pesquisas entender as origens da arte. Os artistas modernistas valorizaram as manifestações artísticas das culturas ditas primitivas, com elas estabeleciam paralelos com as manifestações gráficas das crianças e também dos doentes mentais. As manifestações infantis eram para esses artistas modernistas expressivas e espontâneas, livres de quaisquer influências, portanto, representavam a livre expressão que eles buscavam (Coutinho, 2008).

Ao mesmo tempo, desde o fim do século XIX, estudos da psicologia, muitos deles utilizando o desenho como meio de estudo da infância, enfatizavam a relação entre os processos cognitivo e afetivo e apontavam o desenvolvimento do impulso criativo como principal finalidade da arte na educação. O movimento denominado no Brasil de Escola Nova dava à psicologia lugar central na investigação dos processos de cognição humanos, esta fornecia métodos capazes de investigar e analisar o desenho infantil (Barbosa, 2008). A aproximação entre a psicologia e o desenho infantil possibilitou estudos e atitudes de respeito ao grafismo da criança. O experimentalismo psicológico provocou o deslocamento das aulas de desenho, em que o foco era os modelos externos, baseados na representação realista, para introduzir uma metodologia centrada na busca e enriquecimento dos modelos internos que poderiam ser expressos. O desenho infantil

passou a ser considerado produto da organização interna da criança e poderia refletir os aspectos das estruturas de seu desenvolvimento mental (Barbosa, 1978).

Essas concepções, presentes na época, permeiam os diálogos entre Helena Antipoff e Augusto Rodrigues. Como observamos no desenvolvimento deste artigo, as fontes apontam detalhes dos interesses de Augusto Rodrigues e de Helena Antipoff a respeito das potencialidades da arte no desenvolvimento das crianças e na formação de professores. Revelam ainda a colaboração entre os dois intelectuais para que os ideais modernos e renovados sobre arte e educação pudessem se espalhar por meio das instituições criadas por eles. Questões ligadas aos procedimentos adotados nas atividades com as crianças, e também com os professores rurais, apontam para a articulação de um ensino que estimulava a livre expressão, sem restrições quanto à imaginação e exploração das emoções vividas nas experiências com a arte. Percebe-se, em algumas das questões apontadas por Rodrigues, a preocupação do artista em tentar dimensionar como se deveria orientar a formação desse professor, que estaria administrando diretamente as atividades educacionais e artísticas com as crianças.

As análises de textos de Antipoff indicam a recreação como parte de um conjunto maior de atividades lúdicas, que abarcam o jogo espontâneo, a dramatização, o artesanato, a música, a dança, as artes plásticas, etc.. Para a educadora, integrar arte e educação seria um modo de proporcionar crescimento psíquico aos alunos, concepções alinhadas com as teorias de Édouard Claparède sobre o desenvolvimento infantil e o papel do interesse

na aprendizagem. A educadora via nas expressões artísticas uma maneira de conhecer mais a criança, por meio de seu desenho ou pintura, da representação do seu cotidiano, rural ou urbano, um meio para a criança nos dizer de si mesma.

A pesquisa documental permitiu-nos perceber as afinidades de pensamento de Antipoff e Rodrigues em relação à educação pela arte. Os dois estabeleceram parcerias que resultaram em frentes de trabalhos na Sociedade Pestalozzi do Brasil, na própria Escolinha de Arte do Brasil, no Rio de Janeiro, e na Fazenda do Rosário, em Minas Gerais. Essa parceria envolvia muitos artistas, intelectuais e educadores que atuavam nessas instituições, e com o decorrer do tempo, desdobrou-se em iniciativas de formação de professores. Esperava-se que os professores frequentadores dos cursos das Sociedades Pestalozzianas e da Escolinha de Arte do Brasil se tornassem multiplicadores dos pensamentos educacionais que conjugavam arte, psicologia, expressão, valorização da cultura popular e formação integral. Nosso estudo, portanto, evidencia um recorte do cenário do ensino de arte no Brasil em que Helena Antipoff, juntamente com os colaboradores, especialmente Augusto Rodrigues, contribuíram efetivamente para a afirmação da arte na educação como um caminho possível de formação humana.

Referências Bibliográficas

- Almeida, M. O. (2013). *O Ensino de Arte em Minas Gerais (1940-1960): diálogos e colaborações entre a arte e a educação nova*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Assis, R. M. (2014). "Egocentrismo, pensamento inteligente e vida social: a divulgação das ideias de Jean Piaget na década de 1930 no Brasil" em *Memorandum* 27, out. Belo Horizonte: UFMG; Ribeirão Preto: USP, www.fafich.ufmg.br/memorandum/a27/assis03, pp. 143-160. Consultado em 5 de outubro de 2015.
- Assis, R. M.; ANTUNES, M. A. M. (2014). "Psiquismo da criança: psicologia divulgada pela imprensa educacional no Brasil (1930-1940)" em *Psychologia Latina*, v. 5, n. 1, 21-30.
- Barbosa, A. M. (2003). "Arte-educação no Brasil: do modernismo ao pós-modernismo" em *Revista Digital Art&*, n. 0, out., <http://www.revista.art.br/site-numero-00/anamae.htm>. Consultado em 7 de outubro de 2014.
- Barbosa, A. M. (1978). *Arte-educação no Brasil: das origens ao modernismo*. São Paulo: Perspectiva.
- Barbosa, A. M. (org.). (2008). *Ensino da Arte: Memória e História*. São Paulo: Perspectiva.
- Barbosa, A. M. (2002). *John Dewey e o ensino de arte no Brasil*, 5.ª ed. São Paulo: Cortez.
- Barbosa, A. M. (1998). *Tópicos utópicos*. Belo Horizonte: C/ARTE.
- Campos, R. H. F. (2010). *Helena Antipoff (1892-1974) e a Perspectiva Sociocultural em Psicologia e Educação*. Tese – Professor Titular do Departamento de Ciências Aplicadas à Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Campos, R. H. F. (1992). "Helena Antipoff: da orientação sócio-cultural em Psicologia a uma concepção democrática de Educação" em *Psicol. cienc. prof.* [online], vol. 12, n. 1, 4-13, <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98931992000100002>. Consultado em 5 de janeiro de 2012.
- Campos, R. H. F. (2012). *Helena Antipoff: psicóloga e educadora – uma biografia intelectual*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes (Memória do Saber).
- Coutinho, R. G. (2008). "Mário de Andrade e os desenhos infantis" em BARBOSA, A. M. (org.). *Ensino da arte: memória e história*. São Paulo: Perspectiva, v., pp. 157-195.
- Lourenço Filho, M. B. (2002). *Introdução ao estudo da escola nova: Bases, sistemas e diretrizes da*

pedagogia contemporânea. Rio de Janeiro, Brasil: UERJ, Conselho Federal de Psicologia. Original publicado em 1930.

Ministério da Educação (Brasil). (2010). *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932) e dos Educadores (1959)*. Fernando de Azevedo (et al.). Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana (Coleção Educadores-MEC).

Oliveira, C. A. B.; Mollo, H. M.; Buarque, V. A. C. (orgs.). (2011). *Caderno de resumos & Anais do 5º Seminário Nacional de História da Historiografia: biografia & história intelectual*. Ouro Preto: EdUFOP.

Sardelich, M. E. (2002). "Obra e legado de Augusto Rodrigues para a educação brasileira" em *Anais do II Congresso Brasileiro de História da Educação. Eixo temático: Intelectuais e Memória da Educação no Brasil*, pp. 1-10, <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema4/O479.pdf>. Consultado em 10 de outubro de 2014.

Silva, L. V. (1984). *Diretrizes Didático Filosóficas de Helena Antipoff na Formação de Recursos Humanos para a Formação da Criança Desamparada*. Rio de Janeiro: CNPq.

Taborda de Oliveira, M. A.; Beltran, C. X. H. (2013). "Uma educação para a sensibilidade: circulação de novos saberes sobre a educação do corpo no começo do século XX na Ibero-América" em *Rev. bras. hist. educ.*, Campinas-SP, v. 13, n. 2 (32), pp. 15-43, maio/ago., <http://www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/article/view/346/pdf>. Acesso em 20 de outubro de 2016.

Taborda de Oliveira, M. A. (2012). "Natureza e Educação dos Sentidos: forjando novas sensibilidades no âmbito da educação para todos (Brasil e Espanha, finais do Séc. XIX e início do Séc. XX)" em *Licere*, Belo Horizonte, v. 15, n. 3, pp. 1-35, set., <https://seer.ufmg.br/index.php/licere/article/view/443/336>. Acesso em 21 de outubro de 2016.

Vago, T. M.; Inácio, M. S.; Hamdam, J. C.; Santos, Hercules Pimenta (orgs.). (2009). *Intelectuais e escola pública – séculos XIX e XX*. Belo Horizonte: Mazza Edições.

Zanotto, G. (2008). "História dos intelectuais e história intelectual: contribuições da historiografia

francesa" em *BIBLOS – Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação*, v. 22, n. 1, 31-45, <http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/v/a/503>. Acesso em 10 de fevereiro de 2017.

Fontes

"A Arte do Espontâneo – Seu Sonho era libertar as crianças. Artigo sobre Augusto Rodrigues" (1961) em *Revista Visão*. Artigo de capa, revista semanal, Rio de Janeiro, 23 de junho. 22-25. Arquivo do Memorial Helena Antipoff/CDPHA, Pasta Jornais e Revistas, arte-educação.

Almeida, J. (1930). "A actividade infantil e suas consequências pedagógicas" em *Revista do Ensino*. N. 44, 28.

Andrade, M. J. (1984). "D. Helena Antipoff – No aniversário da 'mineira universal', amigos recordam a educadora" em *O Globo*, Rio de Janeiro, 27 de março, 29. Arquivos do Memorial Helena Antipoff/CDPHA, Pasta Jornais, arte-educação.

Antipoff, H. (2009). "Cartão manuscrito em agradecimento ao amigo Augusto Rodrigues pela reunião com artistas no Leme", Rio de Janeiro, 19 de fevereiro, s/p. Arquivo do Memorial Helena Antipoff/CDPHA, Pasta arte/educação.

Antipoff, H. (1992b). *Coletânea das Obras Escritas de Helena Antipoff. Fundamentos da Educação*. Vol. II, Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (CDPHA), Belo Horizonte: Imprensa Oficial.

Antipoff, H. (1992d). *Coletânea das Obras Escritas de Helena Antipoff. Educação Rural*. Vol. IV, Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (CDPHA), Belo Horizonte: Imprensa Oficial.

Antipoff, H. (1971). "Helena Antipoff: Não há fome sem apetite" em *Jornal Arte & Educação*, ano 1, Rio de Janeiro, Jan., 13. Arquivos do Memorial Helena Antipoff/CDPHA, Pasta Jornais, arte-educação.

Antipoff, H. (1964). "Desenhos de Augusto Rodrigues/ Augusto Rodrigues, – Educador", set. em *Folder da Exposição: Galeria Grupiara – Rua Antônio de Albuquerque, 291 – Belo Horizonte*. Arquivo do Memorial Helena Antipoff/CDPHA, Pasta Textos de Helena Antipoff sobre ensino de arte.

Antipoff, H. (1963). "Revista Semestral da Sociedade

- Pestalozzi de Minas Gerais” em *Infância Excepcional*, ano 1, n.º 1, Belo Horizonte.
- Antipoff, H. (1949, 1992b). “Palavras de Helena Antipoff ao dar início a um Curso de Formação de Educadores”, Rio de Janeiro, em *Coletânea das Obras Escritas de Helena Antipoff. Fundamentos da Educação*. Vol. II. Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (CDPHA), Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 229-230.
- Antipoff, H. (1948). “Recreação Infantil” em *Boletim Semestral da Sociedade Pestalozzi do Brasil*, Rio de Janeiro, jul.-dez., 28-29.
- Antipoff, H. (c.1968). “Texto datilografado, com trechos manuscritos, sobre os 20 anos da Escolinha de Arte do Brasil”. Possivelmente, rascunho de correspondência enviada a Augusto Rodrigues e Noêmia Varella, s/p. Arquivo do Memorial Helena Antipoff/CDPHA, Pasta Textos de Helena Antipoff sobre ensino de arte.
- Antipoff, H. (1950). “A Sociedade Pestalozzi do Brasil em seu 1.º Lustrro de Atividades” em *Boletim Semestral da Sociedade Pestalozzi do Brasil*, Rio de Janeiro, jul.-dez., 1-4.
- Catálogo de Exposição de Cerâmica da Fazenda do Rosário*. (1950). Rio de Janeiro, set.
- Catálogo de Exposição de Cerâmica da Fazenda do Rosário*. (1951). Belo Horizonte, jan.
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Brasil). (1980). *Escolinha de Arte do Brasil. Brasília*. 128 pp. (Estudos e pesquisas, 6) Coordenação de Augusto Rodrigues, <http://livros01.livrosgratis.com.br/me002413.pdf> >. Consultado em 20 de fevereiro de 2015.
- Rodrigues, A. (1950). “Correspondência enviada à Helena Antipoff”. Rio de Janeiro, 3 de abr. Arquivo do Memorial Helena Antipoff/CDPHA-FHA).
- Rodrigues, A. (1950). “Correspondência enviada à Helena Antipoff”. Rio de Janeiro, 15 de dez. Arquivo do Memorial Helena Antipoff/CDPHA-FHA).
- Rodrigues, A. (1971). “Ao Resto, o resto” em *Arte&Educação – Escolinha de Arte do Brasil*. Ano I, N.1, p. 2, Rio de Janeiro. Arquivo do Memorial Helena Antipoff/CDPHA, Pasta Jornais, arte/educação.
- Rodrigues, A. (1984). “Depoimento” em Andrade, Maria
- Julietta Drummond de. “Helena Antipoff – No aniversário da ‘mineira universal’, amigos recordam a educadora” em *O Globo*, 27 de mar., 29. Arquivos do Memorial Helena Antipoff/CDPHA, Pasta Jornais, arte-educação.